

Um olhar ecossistêmico sobre o conhecimento religioso

SILVA, William Costa da¹
TERRA, Guilhermina de Melo²

Resumo

O artigo intitulado “Um olhar ecossistêmico sobre o conhecimento religioso”, a partir da visão ecossistêmica, permite-nos entender com mais profundidade, o que de fato é um ecossistema, sua relação e as potencialidades de pesquisa e análise que podem ser desenvolvidas com esse viés, percorrendo um caminho onde a ciência rompe com o conhecimento e desmembra o objeto em algo valorativo para ela, apenas, desconsiderando de sua construção, a ambientação, o contexto, e quão complexa é uma rede com inter-relações e interações. Com este propósito, busca-se ampliar uma visão sobre essa questão e dialogar na busca pelo entendimento do por quê a ciência não considerou, em sua base, os demais conhecimentos para si, e precisou fragmentar, excluindo os que não atendessem as expectativas da experimentação. Os saberes e as relações foram desconsideradas, quando da necessidade do fazer ciência estar preso a uma experimentação limitadora, que mesmo com um esforço, não se pode afirmar como verdade absoluta, mas uma verdade aproximada.

Palavras-chave: Olhar ecossistêmico; Conhecimento Religioso; Ciência.

1. Introdução

Olhar o conhecimento religioso, a partir da visão ecossistêmica, é se permitir entender a fundo, o que de fato é um ecossistema, sua relação e as potencialidades de pesquisa e análise que podem ser desenvolvidas com esse viés, percorrendo um caminho onde a ciência rompe com o conhecimento e desmembra o objeto em algo valorativo para ela, apenas, desconsiderando de sua construção, a ambientação, o contexto, e quão complexa é uma rede com inter-relações e interações, objeto esse que passa a ser sujeito, conectado, e co-dependente do meio.

Ampliar uma visão sobre essa questão e dialogar na busca pelo entendimento do porquê a ciência não considerou, em sua base, os demais conhecimentos para si, e precisou fragmentar, excluindo os que não atendessem as expectativas da experimentação. Se limitou na verdade que ela poderia dar e comprovar. Os saberes e as relações foram deixadas de lado, quando da necessidade do fazer ciência estar preso a uma experimentação limitadora, que mesmo com um esforço, não se pode afirmar como verdade absoluta, mas uma verdade aproximada.

O desdobramento dessa percepção científica e a construção de conhecimento, é o que esse estudo pretende mostrar, buscando entender a necessidade da retomada do conhecimento

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas. Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo pela UFPA. E-mail: contato.wcosta@gmail.com

² Docente da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Ufam (PPGCCom). E-mail: guilherminaterra@gmail.com

religioso na ciência e na sociedade, além de perceber a complexidade do sujeito pensando como uma ecologia de forma profunda, concebendo os ecossistemas comunicacionais, avaliando os processos e propondo um novo olhar científico para o conhecimento religioso.

2. Conhecimento e suas rupturas

Nossas construções ideológicas estão comprometidas com a ciência, que pelo viés da necessidade de comprovação, verificação e validação desconsidera o que é da construção social.

Quando se percorre a história para entender a origem ou o rompimento do conhecimento com o sagrado, vários teóricos se debruçam sobre o tema e teorizam sobre essa ruptura, como posto na seguinte afirmativa de Gressler (2003).

[...] A necessidade de se ter fundamentos sobre o processo de investigação e sobre a certeza dos resultados despertou o interesse de pensadores, já no início do século XVI, em três povos distintos do Ocidente. Na França, René Descartes pautou sua defesa no método dedutivo; na Inglaterra, o grande teorizador da experimentação, Francis Bacon, deu uma configuração doutrinária à indução experimental, procurando ensinar alguns métodos rudimentares de observação e apontamentos e na Itália, Galileu Galilei, preocupado em instituir um pensamento baseado na experimentação, resolveu pôr à prova alguns ensinamentos de Aristóteles (GRESSLER, 2003, p.28)

Descartes estava comprometido com a busca da verdade primeira, de modo que não pudesse haver dúvidas. Se distanciou do senso comum e da religião, se permitindo teorizar sobre a racionalidade, com a separação da mente e do corpo, matéria e pensamento, ou seja, a razão das outras formas de conhecimento. Rompeu tanto com o sacro, quanto com a natureza e, desta forma, com o conhecimento.

Através da percepção de Andery (1996), entende-se que Francis Bacon caminhou em suas experimentações e se pautou pelo empirismo, e se preocupou em construir um conhecimento mais sólido, a partir do comum e da relação entre o homem e a natureza, caso deseje conhecê-la. E em Galileu Galilei, o conhecimento precisava do experimento e raciocínio lógico, ou seja, exato e preciso.

Partindo dessa ideia, o conhecimento passou a ser entendido como sendo um processo estabelecido a partir da relação entre o sujeito e o objeto, pois nesse momento, tem-se uma inter-relação onde o sujeito reconhece – e de certa forma – se apropria do objeto.

Nos últimos 4 séculos, o conhecimento então passou pelo processo de representação da realidade estruturada pela mente do homem, neste caso, a razão tomou a frente e conduz o método sob a representação do conhecimento.

É nessa construção que o conhecimento se consolida e se fragmenta, pois se permite dividi-lo para que se possa compreender e interagir com os fenômenos do mundo. Neste aspecto, cada conhecimento busca, à sua maneira, interpretar e justificar a sua verdade. Como por exemplo, a criação do mundo. Para o conhecimento religioso, foi a partir de um ser supremo – Deus, o criador – e que após suas ordens, houve o fenômeno da criação. Já ao conhecimento científico, o universo surge a partir de uma explosão – o *Big Bang*.

Para Marconi e Lakatos (2003) há quatro tipos de conhecimento: o popular (senso comum ou empírico), o científico, o filosófico e o religioso (teológico), cada um com características próprias e que se diferenciam, em geral, pelo contexto metodológico que os qualifica.

Afirma-se ainda que o conhecimento popular é aquele do trato comum com as coisas e os seres humanos, de forma espontânea, ou seja, a partir das relações e do cotidiano se constrói um saber sem o compromisso de experimentação alguma, mas a com a eficácia do discurso popular em validar como verdadeiro ou correto, seja por um "ouvi dizer" ou "porque eu senti" ou "porque disseram".

Já o conhecimento científico caminha sob a experimentação e razão, na direção da aproximação da verdade, com a comprovação de suas hipóteses através da sistematização do saber de forma lógica e ordenada, seja de forma descritiva, interpretativa, explicativa ou de verificação precisa do conhecimento existente, mas que "constitui um conhecimento falível, não é absoluto ou final, é aproximado, pois novas proposições e o desenvolvimento de técnicas podem reformular a teoria" (MARCONI E LAKATOS, 2003).

Neste sentido, se expande a percepção ao método desenvolvido pela ciência, ao afirmar que:

A ciência trabalha, pois, com raciocínios indutivos e com raciocínios dedutivos. Quando passa dos fatos às leis, mediante hipóteses, está trabalhando com indução; quando passa das leis às teorias ou destas aos fatos, está trabalhando com a dedução. (...) Foi esse o método adotado pelos cientistas que lhes permitiu construir uma imagem mecânica do mundo. O mundo natural é conjunto de partículas em movimento, dotadas de energia, e que se ligam entre si de acordo com 'leis fixas e imutáveis', gerando assim uma total regularidade do funcionamento do universo. Com esse método, a ciência teve pleno êxito na era moderna. Esse sucesso explicativo foi reforçado pelo seu poder em manipular o mundo mediante a técnica, por cuja formação e desenvolvimento ela é a responsável direta. A ciência se legitimou assim por essa eficácia operatória, com o qual forneceu aos homens recursos reais elaborados para a sustentação de sua existência material. A técnica serviu de base para a indústria, para a revolução industrial, o que ampliou, sobremaneira, o poder do homem em manipular a natureza (SEVERINO, 2010, p.105).

Nota-se como se dá a construção social do conhecimento científico, onde é perceptível a apropriação da ciência por um pensamento lógico-dedutivo, do mundo moderno, comprometida unicamente em regular e operar com a técnica, de modo a se ater em suas construções metodológicas um viés pragmático.

Através dessa construção, mesmo com a metodologia em cima da lógica-dedutiva, as margens de erro são aplicáveis, pois na pesquisa, elementos humanos, como por exemplo, a influência do pesquisador.

A ciência exige o confronto da teoria com os dados empíricos, exige a verdade semântica, como um dos mecanismos utilizados para justificar a aceitabilidade de uma teoria. Esse fator, por si só, porém, não garante a objetividade do conhecimento científico. Apesar de a ciência trabalhar com dados, provas fatuais, ela não fica isenta de erros de interpretação dessas provas. Por mais que se esforce, o cientista, o investigador, estará sempre sendo influenciado por uma ideologia, por uma visão de mundo, pela sua formação, pelos elementos culturais e pela época em que vive. Há uma expectativa que orienta a sua visão de mundo e a busca de explicações. Para minimizar os possíveis erros decorrentes de uma expectativa subjetiva, é que a ciência exige a intersubjetividade, isto é, a possibilidade de a comunidade científica ajuizar consensualmente sobre a investigação, seus resultados e métodos utilizados. A intersubjetividade é o terceiro mecanismo utilizado no conhecimento científico e que proporciona a verdade pragmática (KÖCHE, 2011, p.32).

Pensar o processo de consolidação do conhecimento científico, a partir das bases em que ele se firmou, é conceber o quão preso ele está na realidade social. O quanto se apoia em uma concepção validada como verdadeira, mas que em muitos aspectos sofre a influência de uma ideologia, ou seja, passível de falhas, não eficaz em sua totalidade, que mesmo se colocando acima dos demais conhecimentos, e mesmo ditando um mundo mecanicista, ela é uma construção que se apoia em diversas bases de conhecimentos.

Outros conhecimentos são postos à mesa no ambiente acadêmico. O filosófico, por exemplo, formado a partir da reflexão sobre a realidade, a busca pelo saber. Diferente do científico, o filosófico busca respostas a partir de ideias, conceitos e raciocínios que nem sempre podem ser mensurados, reproduzidos ou observados. O que para Marconi e Lakatos (2003, p.19) é "um esforço da razão pura para questionar os problemas humanos e poder discernir entre o certo e o errado, recorrendo às luzes da própria razão humana", no entanto, se observa que:

[...] o conhecimento filosófico conduz à reflexão crítica sobre os fenômenos e possibilita informações coerentes. Seu objetivo é o desenvolvimento funcional da mente, procurando educar o raciocínio. O estudioso, ao obter as informações das operações mentais e todas as suas formas de processá-las, chega a um raciocínio lógico e a um espírito científico como hábito. É a razão

que nos dá o conhecimento; a intuição permite que a razão coordene, analise e sintetize em uma visão clara e ordenada. A reflexão traz, sobretudo, uma crítica analítica e sistemática em torno de todas as coisas, objetos reais, e sobre as questões ideais que envolvem o pensamento e a ação humana. Entende-se que o conhecimento filosófico extrai, tanto das ciências já existentes como das demais preocupações da inteligência do homem, suas metas gerais (FACHIN, 2005, p.11).

Nota-se que para se chegar ao conhecimento, é necessário a reflexão, essa parte de um princípio filosófico que coordena, analisa e sintetiza uma visão racional. Uma ação de forma a encontrar respostas a partir do exercício do raciocínio, um conhecimento que abre espaço para questionamentos e debates, em que pese a experimentação empírica como explicação dos fenômenos sociais.

O conhecimento religioso ou teológico se prende muito mais ao sentimento que a razão. Permite relacionar a realidade por intermédio da fé ou da crença. Quando o filósofo tem a razão como uma função elevada da faculdade do espírito para ordenação de nosso conhecimento, o religioso, que está ligado aos transcendentais, é uma realidade a partir do experimentação do homem com o sobrenatural.

Corroborando nesse sentido,

[...] o conhecimento teológico é produto do intelecto do ser humano, o qual recai sobre a fé; provém das revelações do mistério oculto ou do sobrenatural, que são interpretadas como mensagens ou manifestações divinas. Este conhecimento está intimamente relacionado à fé e à crença divina, ou ainda a um deus, seja este Deus, Jesus Cristo, Maomé, Buda, um ser invisível ou autoridade suprema, com quem o ser humano se relaciona por meio de sua fé e crença religiosa. Não importa qual é a sua crença, tampouco qual é o seu deus; importa, porém, sua fé (FACHIN, 2005, p.11,12).

Aqui o objeto fé salta aos olhos e as reais motivações de se explicar algo. Serve de respaldo para o que o homem não consegue explicar através do conhecimento popular e do filosófico, ele se dissipa através da supremacia divina que responde a tudo e a todos, a partir de sua vontade própria. Dá o sentido e explica o real, com o sobrenatural, independente de classificação ou credo religioso, que "[...] não é necessário que se seja monoteísta para que o conhecimento proporcionado pela fé seja teológico. Os gregos da Antiguidade eram politeístas, mas os seus sacerdotes já possuíam e cultivavam o conhecimento teológico" (GALLIANO, 1979, p.20).

Nesta construção, Marconi e Lakatos (2003), dizem que o conhecimento religioso se apoia em doutrinas que contêm proposições sagradas (valorativas), por terem sido reveladas pelo sobrenatural (inspiracional) e, por esses motivos, tais verdades são consideradas infalíveis

e indiscutíveis (exatas).

Perceber o direcionamento para a valorização de fé das pessoas, ou seja, tendo a visão como decorrentes do divino, sem propor experimentação ou verificação alguma, mas concebendo como irrefutável pelo ponto de apoio do sagrado, evidenciado através revelação sagrada, seja através da literatura, do sonho, das invocações aos espíritos ou de algo dentro da perspectiva sacra.

Como, por exemplo, a partir do olhar do conhecimento religioso, o que se toma como consciência é o exato, não há espaço para dúvidas, a crença responde. Neste sentido, não há uma busca para a fundamentação de sentidos, e não há verificação, logo é valorativo, inspiracional, e exato (MARCONI E LAKATOS, 2003).

Essa construção religiosa do conhecimento vem junto com a construção ideológica da humanidade, pois, conforme os escritos de Gressler (2003), o homem sempre buscou conhecimento e verdade nas autoridades, na tradição e nos costumes, pois esta autoridade era dos chefes das tribos, de dignitários religiosos, políticos e sábios, verdades essas que, por deterem o poder, a tinham.

O não questionar as verdades dos que detinham o poder, e aceitá-las como válidas, permitiu a construção ideológica do pensamento religioso ao longo da história, pois o exercício dessas crenças é constante, e está intrínseco na tradição e nos costumes. Tudo fora revelado e está pronto. Nesta via, o conhecimento religioso é a representação do transcendental, do que está posto pela religião, como organizada, com regras, sistematizada e de forma sagrada.

Todos os conhecimentos são justificáveis para seus fins. Não se pode isolá-los e nem excluí-los, pois se consolidam em um contexto onde as respostas para as verdades da realidade são transformadas e dadas pelos tipos de conhecimento. Não se chega a verdades absolutas, mas todos se preocupam em explicar algo no cotidiano.

Ao passo que,

[...] obtemos conhecimento através das sensações que os seres e fenômenos nos dão de si. Essas sensações proporcionam-nos a imagem do universo real. Quem conhece alguma coisa de certo modo "apropria-se" (sic) do objeto que conheceu, transformando-o em conceito. Mas o conceito não é o objeto real e sim uma forma de se conhecer a realidade. O objeto real existe como ele é, independentemente do fato de o conhecermos ou não. Conhecimento verdadeiro é aquele que corresponde a realidade objetiva. Sem que houvesse a possibilidade de conhecimento da verdade objetiva a ciência seria inútil (GALLIANO, 1979, p.21).

Propõe-se com o conhecimento, a apropriação do saber. Seja o popular, que se

consolida nas relações do cotidiano, no científico com suas teorias, hipóteses e métodos de investigação, no filosófico, com as hipóteses e experiências observadas, e no religioso, com as doutrinas de revelação do sagrado, apoiado pela fé, explicado pelo sobrenatural.

3. Pensamento complexo e a retomada dos saberes

Ciência (do latim *scientia*, traduzido por "conhecimento") refere-se a qualquer conhecimento ou prática sistemáticos. Em sentido estrito, ciência refere-se ao sistema de adquirir conhecimento baseado no método científico bem como ao corpo organizado de conhecimento conseguido através de tais pesquisas.

Adquirir conhecimento e entendê-lo é perceber como a ciência foi construída e se consolida na humanidade, seus reflexos e suas potencialidades é um dos exercícios filosóficos que Edgar Morin apresenta em sua obra, quando de fato, expõe a preocupação da ciência, como conhecimento científico, com os demais conhecimentos, quando diz:

[...] as questões fundamentais são abandonadas como questões gerais, isto é, vagas, abstratas, não operacionais. A questão original que a ciência roubou à religião e à filosofia, para assumi-la, a questão que justificou a sua ambição de ciência: 'Que é o homem, que é o mundo, que é o homem no mundo?', é atualmente remetida pela ciência para a filosofia, sempre incompetente aos seus olhos por etilismo especulativo, remete-a para a religião, sempre ilusória aos seus olhos por mitomania inveterada. Abandona todas as questões fundamentais aos não sábios, a priori desqualificados. Tolera somente que, na idade da reforma, os seus grandes dignitários adquiram uma certa altivez meditativa, que fará sorrir, sob as retortas, os jovens de bata branca. Não é possível articular as ciências do homem com as ciências da natureza. Não é possível fazer comunicar os seus conhecimentos com a sua vida (MORIN, 1977, p.16).

A ciência deixa de lado os conhecimentos filosóficos, religiosos e naturais, e constrói sua base de atuação, a partir de um olhar 'qualificado' dos sábios que a constroem, ou respondem as suas indagações. Passeia pela intolerância e exclusão daquilo que não constitui ciência. Nesse aspecto, há um distanciamento dos conhecimentos adquiridos ao longo das práticas de vida, vivência, construções de ideias e percepções de mundo.

Quando há uma busca pelo conhecimento, logo, o acúmulo e posteriormente o exercício da racionalidade de percepção e compreensão, e por consequência a investigação e a proposta de soluções para explicar e transformar o meio, o que implica em resultados experimentados de modo a apresentar dados validados.

Com a ruptura do conhecimento houve uma desarticulação dos saberes, essa que gerou uma limitação das inter-relações no conhecimento ao longo da construção do pensamento

cartesiano. Ao passo que a ciência toma uma nova racionalidade, já no século XX, é proposta uma nova forma de percepção da ciência, quando ela é colocada como um conhecimento suscetível a erros e a não possuir uma verdade absoluta, como ela defendeu ao se fragmentar dos demais conhecimentos.

Inúmeros teóricos, filósofos, cientistas e outros estudiosos se permitiram questionar a ciência por sua veracidade e independência, como um método assertivo e isolado dos demais conhecimentos, e a partir dessas revisitas ao que ciência se tornou, se constrói uma nova percepção de mundo, quando se propõe alinhar sua pesquisa, levando em conta, "a verdadeira realidade é ordem física, onde todas as coisas obedecem às leis da natureza, ordem biológica na qual todo o indivíduo obedece à lei da espécie, e ordem social na qual todo o ser humano obedece à lei da cidade" (MORIN, 1977, p.38).

Em acordo com essa percepção, observa-se que,

[...] o conhecimento não poderá entrar com passo firme no recinto das ciências sociais se pretender fazê-lo sob a concepção de que o conhecer é um conhecer "objetivamente" o mundo e, portanto, independente daquele(s) que faz a descrição de tal atividade. Não é possível conhecer "objetivamente" fenômenos (sociais) nos quais o próprio observador-pesquisador que descreve o fenômeno está envolvido (MATURANA & VARELA, 1995, p.17).

Partindo dessa premissa, há uma crítica à construção de conhecimento científico sem levar em consideração suas estruturas ideológicas e seu enraizamento sociocultural, afirmando que o esse conhecimento não é o reflexo das leis da natureza, pois não se preocupa com o todo, com o complexo, apenas se limita a um recorte mínimo e se afirmar como fazendo ciência.

Em um olhar mais amplo, o conhecimento, que é dado como objetivo pela ciência, não se limita no campo das ciências sociais, pois nela ele se completa e a relação ecossistêmica é concreta. Uma alternativa à pesquisa, que é dada de forma a aprofundar o estudo, mas como o pesquisador é o próprio observador se envolver com o fenômeno a ser descrito, logo, ao ponto que se dão as inter-relações, pode ser inviável, sob o olhar da objetividade.

No entanto, percebe-se que na complexidade, não é possível que haja a dissociação da bagagem cultural que o homem carrega. Não se permite ignorar a filosofia por ser especulativa e a religião por ser carregada de mitos, desqualificando-os em seus saberes, como faria a ciência. Neste caso,

[...] a evolução da ciência, através de processos descontínuos de composição, restauração e ruptura, põe em evidência a historicidade e a complexidade da própria ciência no séc. XX. O notável progresso atingido em todas as áreas de conhecimento, na época atual, em confronto com os resultados produzidos em

relação ao domínio da natureza e à emancipação humana, serve para relativizar o próprio poder da razão, que não consegue resolver problemas que ela mesma criou, e evidencia a necessidade da construção de uma nova racionalidade. No século XX, novas desconstruções e re-racionalizações são feitas por vários cientistas (SILVA, 2000, p.62).

A ressignificação do conhecimento científico fez-se necessária, para que se permita considerar os demais tipos de conhecimentos, em face ao enfraquecimento da eficácia da ciência e apesar de sua contribuição com a racionalidade, hoje, não se justificaria dentro de uma nova perspectiva, o que aqui se trabalha por complexidade, ou seja, possibilitar um olhar amplificado ao contexto do objeto, já não visto apenas ou tão somente como um objeto isolado, mas a partir do todo com suas inter-relações e complexidade.

"A complexidade não é um conceito teórico e sim um fato, que corresponde à multiplicidade, ao entrelaçamento e à contínua interação da infinidade de sistemas e fenômenos que compõem o mundo natural, dispersos como nós interligados e interagindo, a partir das inter-relações ali existentes" (MARIOTTI, 2000, p.87).

É o que considera quando apresenta o objetivo, que o pensamento complexo tem de religar o que o pensamento disciplinar (científico) compartimentou. "Ele religa não apenas domínios separados do conhecimento, como também - dialogicamente – conceitos antagônicos como ordem e desordem, certeza e incerteza, a lógica e a transgressão da lógica" (MORIN, 1977, p.11).

O pensamento complexo é o que tenta dar conta do que constitui a realidade, sob a tarefa de construir em conjunto essa realidade, não desprezar, mas agregar, não subtrair, mas somar e envolver. O que constitui as inter-relações em que os saberes podem, e são apresentados de forma a dar sentido, ou seja, religa pontas onde, para o conhecimento científico, não haveriam como ser agrupadas.

Um saber que permite caminhar no sentido da ligação, do compartilhamento e das relações outrora rompidas, que necessitam de se religar para que se evidencie um todo amplo e complexo, levando em conta não o fragmento, mas a construção de contexto que se insere.

Caminha-se no sentido de melhor evidenciar a proposta de religação, quando do conceito da complexidade, como posto:

[...] a um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexo: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, achados, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços

inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar [...]. Mas tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do complexus: e efetivamente, como eu o indiquei, elas nos deixaram cegos (MORIN, 1977, p.13).

Com essa evidência do pensamento complexo, pode-se levar em consideração o conhecimento religioso, o filosófico, o popular, e como proposto, as ciências da natureza para a retomada de sentido com a religação dos saberes, a partir das inter-relações, se objeto – objeto, sujeito – objeto, sujeito – sujeito, o que pode conduzir essa relação é entender o meio, sob o viés do complexo.

4. A Re-ligação

Há contradições para a origem da palavra 'religião'. Segundo os principais dicionários de língua portuguesa, a origem mais correta para 'religião' é que a palavra deriva do latim *Religio*, que significa 'respeitar o sagrado', mas uma outra etimologia discutida é de que a palavra tenha origem no *Legere* com o prefixo 'Re-', ou seja, *Religare*, que significa atar ou ligar com firmeza o homem a Deus.

No ocidente, entende-se 'Religião' no sentido de crença na existência de um ser superior, sobrenatural, do qual depende o destino do homem e ao qual se deve respeito e obediência. Neste contexto se constitui o sagrado, como as coisas que remetem religiosamente a Deus, bem como o conhecimento religioso.

Contribui com a ideia, Passos (2006) ao afirmar que a religião também constitui um sistema social organizado de forma rígida, estabelecendo, com indivíduos e grupos, relações dialéticas que provocam reproduções de seus sistemas sobre o conjunto da sociedade e reações por parte dos indivíduos e grupos na busca de novos sistemas alternativos, que de certa forma, podem se dar a partir de religação.

Neste momento, observa-se a religião como uma instituição, com direitos, deveres e funções. Uma estrutura onde a construção se consolida nas interações entre os indivíduos, que compartilham de uma ambiente religioso, seja pelas experiências, regras ou sistema da qual se permitem estar.

A complexidade permite trabalhar com o fenômeno de forma a perceber o contexto mais amplo e profundo, neste caso, a religião passa ser apresentada e trabalhada, com suas interações, ações, e fenômenos associados, de certo que, as diferentes realidades ou os

diferentes conhecimentos estão interconectados e inter-relacionados, e não mais isolados como se pondera no conhecimento científico.

Dentro da perspectiva moraniana, a complexidade, propõe 'religação' dos saberes, como necessária para o conhecimento do todo, o que resulta em uma análise de contexto, de forma que a transdisciplinalidade e a abertura de todas as culturas é levada em conta, para se permitir, por fim, uma retomada levando em consideração o completo, o amplo, o profundo.

Já o físico Capra se apresenta com a perspectiva de uma nova física, dentro de um ambiente ecossistêmico, propondo uma nova compreensão científica da vida em todos os níveis dos sistemas vivos, ou seja, uma nova percepção da realidade, ampliando o debate, que Morin traz com o pensamento complexo.

Para Capra (2012), pensar um novo paradigma é romper com a visão de mundo mecanicista de Descartes e de Newton e ter uma nova concepção do mundo, a partir da visão holística, ecológica, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas.

Considerando esse prisma de olhar com a intenção de entender e perceber de forma mais ampla o mundo, Capra se detém em trazer os conceitos de ecologia rasa e profunda. O primeiro, no sentido do exercício que a ciência faz, a partir de uma visão antropocentrada, e no segundo, onde há uma "interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos)" (CAPRA, 2012, p.25).

Onde a ecologia rasa, "vê os seres humanos, como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de uso, à natureza". Enquanto que a ecologia profunda, "não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural".

Ampliando a perspectiva de ecologia profunda, onde os fenômenos são interconectados e são interdependentes, não se permite ver o mundo como uma coleção de objetos isolados, ou seja, há a necessidade de se reconhecer o valor de todos os seres, sendo neste caso, o homem "apenas como um fio particular na teia da vida".

Quando a complexidade moraniana permite um olhar mais completo e a religação de saberes, ela nos possibilita dialogar com a ecologia profunda, diferente da construção científica que compartimentou o conhecimento, aqui se abre uma nova visão da realidade. Sob esse olhar, se salienta que,

[...] a percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa.

Quando a concepção do espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de complexidade, com o cosmos como um todo. Não é, pois, de se surpreender o fato de que a nova visão emergente da realidade baseada na percepção ecológica profunda é consistente com a chamada filosofia perene das tradições espirituais, quer falemos a respeito da espiritualidade dos místicos cristãos, da dos budistas, ou da filosofia e cosmologia subjacentes às tradições nativas norte-americanas (CAPRA, 2012, p.26).

A construção de uma teia, tal qual, uma aranha tece, consolida a relação de interdependência, interconexão e inter-relação entre a visão ecológica e o pensamento complexo, ou seja, aqui é possível perceber o quão importante e necessária é a valorização e agregação das partes no todo, para a completude proposta por Capra e Morin.

Esse conceito de ecologia dentro da perspectiva moriniana, não se dilui em apenas uma ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si ou com o meio orgânico ou inorgânico no qual vivem, mas também das relações recíprocas entre o homem e seu meio moral, social, econômico, ou seja, as inter-relações dentro de um contexto ecossistêmico, sob um olhar mais aprofundado e completo.

Nota-se o quanto da cultura religiosa é recorrente dentro da sociedade. O percurso histórico, só revela o conhecimento científico propôs essa ruptura com os demais conhecimentos, a partir de feixe onde para se consolidar como ciência carecia da comprovação, de um método e de uma experimentação, quando na verdade, essa espiritualidade é inerente ao homem, em todos os aspectos.

Fazer ciência e deixar a religião de lado é romper com os saberes, esquecer do objeto na sua essência, na sua integridade, no contexto da qual faz parte, da qual está influenciando e sendo influenciado. Não se valorizar o todo, em função de um olhar delimitado por aspecto mínimo, que pode ser explicado cientificamente sim, mas sem o seu espaço consolidado no mundo.

Faz-se necessário o resgate dos ecossistemas para se abranger e criar uma interação, onde o objeto deixa de ser objeto e passa a ser sujeito, assim como o sujeito interage com o sujeito e mesmo que não haja objeto, as conexões estão feitas, não por uma ecologia rasa, superficial, mas por uma ecologia profunda, consistente, onde todos estão ligados por nós, e são fios condutores, multidimensionais.

Pensar a religião a partir de Morin é conceber e agregá-la pela ótica da complexidade, dado ao passo que em Capra, a ecologia profunda, que não põe o homem em destaque, mas que o tem como parte do meio de igual modo, permite a religião caminhar ao lado de outros saberes e ser reconhecida tanto quanto a ciência.

A completude entre o que Morin e Capra apresentam é permitir além do saber e da percepção de pertencimento, uma retomada na valorização do que a ciência fragmentou, permitindo que as inter-relações, que são os nós desse grande tecido, possa dar sentido e revelar o fenômeno sob uma perspectiva, além de mais abrangente, completa, com suas verdades, fatos, contexto, justificativas, prerrogativas e função, um ecossistema.

5. Olhar ecossistêmico

A partir da complexidade, sob a ótica da ecologia profunda, chegam-se aos ecossistemas, aqui ditos, comunicacionais, ou seja, "um campo de estudos emergentes no qual os processos comunicacionais são entendidos a partir da complexidade envolvida nas relações entre os sistemas que dão vida às práticas comunicativas nas diferentes instâncias enunciativas da vida" (MONTEIRO, 2012, p.9).

Pensar os ecossistemas comunicacionais é entender o objeto, não como objeto, mas como sujeito dentro ambiente, com suas relações e inter-relações dentro de um grande contexto, onde,

[...] investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir. Significa ainda que modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente, e, no limite, na própria cultura (PEREIRA, 2011, p.51).

Um olhar ecossistêmico é uma visão acolhedora de sistemas que possuem uma troca, ou inter-relação com o meio ambiente, o que por consequência, se apropria e se doa onde está. Significa não romper o contexto, como fez a ciência, mas acolher todos os elementos que compõem o todo, a fim de entender, dialogar, explicar, religar cada um deles, como faz a complexidade.

Defende-se tal visão, pois para os ecossistemas, entender a comunicação, significa compreendê-la, a partir das trocas, relações e interações entre todos os elementos que fazem parte do Sistema, as quais se dão em um só ambiente e que transformam não só a comunicação, mas também a cultura, em seu sentido antropológico.

Sob o prisma ecossistêmico, o conhecimento é também o que sujeito carrega, como a sua própria digital, em sua bagagem, a partir de sua comunicação com o ambiente, essa que se dá a todo instante, de várias formas e em vários contextos interdisciplinares e transdisciplinares,

formando uma rede, um grande tecido com as inter-relações dadas nesses diferentes sistemas.

Com esse aporte de elementos e possibilidades dadas pelo olhar ecossistêmico, pode-se se caminhar de mãos dadas com a espiritualidade de um povo religioso. No Brasil, de práticas religiosas desde o processo de ocupação de suas terras, com a influência do catolicismo, em fusão com a cultura dos povos ameríndios que aqui já estavam quando essa terra fora tomada por Portugal, e a partir daí a miscigenação com as religiões de matriz africana.

Quando o ecossistema comunicacional permite ver a religião como parte do processo, tida como conhecimento que tem que ser levado em conta, a partir de seu papel social, e do compromisso das inter-relações e interações com o sistemas vivos, pode-se perceber a comunicação florescendo com um novo processo comunicativo, não só "religado", mas íntegro, por completo, no todo da cultura.

Neste campo, a ciência fragmentada pode ser resinificada e vista na forma ecossistêmica, relacionando as inter-relações. Não somente a experimentação propriamente dita, mas a comprovação a partir de outros fenômenos existentes, o conhecimento religioso, então deixado de lado, passa a ser um caminho para respostas, mesmo no ambiente científico.

O conhecimento enquanto ciência, pode dialogar com os demais conhecimentos, para explicar fenômenos ultrapassando limites impostos pela própria ciência, e buscar respostas mais completas.

A construção religiosa dispensada pela ciência, é admitida sob a perspectiva ecossistêmica, quando da retomada do conhecimento religioso no fazer ciência. As rupturas aqui já não existem e um novo olhar pode ser dado aos fenômenos, elementos, e sujeitos nas inter-relações, interconexões e retomada de saberes, ou seja, os processos comunicacionais a serem observadores, estudados e compreendidos.

Considerações

É um desafio pesquisar a comunicação, principalmente quando se permite desconstruir todas as formas, parâmetros e métodos postos, para ressignificar ou ao menos buscar uma nova perspectiva de olhar não mais a relação sujeito – objeto, mas sujeito – sujeito.

Refletir sobre a espiritualidade de um - antes objeto – hoje, sujeito , é um exercício que os ecossistemas nos permite fazer, levando em consideração os processos comunicativos presentes, entendendo o entorno onde se pesquisa, além do contexto em que insere, ou seja, inseparável do ambiente em que está.

Vencer a barreira da ciência cartesiana, e olhar os fenômenos comunicacionais, a partir

de um prisma ecossistêmico é perceber o conhecimento religioso, o filosófico, o comum ou vulgar, como processo comunicacional, onde os fluxos, as relações, as conexões e as redes, de alguma forma ajudam a explicar o objeto, agora sujeito, em seu contexto, em sua complexidade.

Superar o rasgo histórico feito pela ciência, e consolidar um conhecimento a partir da visão ecossistêmica, permite-se construir uma comunicação com os influenciados e influenciadores, no anseio de percorrer um novo método, haja visto, o caráter interdisciplinar da perspectiva ecossistêmica.

Os ecossistemas permitem entender os processos comunicacionais, onde, a religião pode ter espaço para ser observada, estudada, entendida, e compreendida, onde os sujeitos desse campo possam ser vistos dentro dessa comunicação ecossistêmica, a partir do resgate do conhecimento religioso.

É de fato, se propor a pensar o conhecimento como um todo, não fragmentado, mas como parte de um processo inerente ao sujeito, visto que está em constante interação social, a partir das interconexões, dos fenômenos e processos comunicacionais que se dão com o meio em que está inserido.

E por fim, pensar o sujeito como sujeito, no âmbito dos ecossistemas comunicacionais, compreendendo a fragilidade ou potência dos fenômeno que fazer parte daquela realidade. Religar para construir, consolidando a pesquisa a partir do conhecimento e não de fragmentos dele. Entendendo que no caminho a ser percorrido, pode se levar em conta mais do percurso, do que propriamente do alvo, pois para se chegar ao alvo, é necessário o percurso bem feito e consolidado, em que o conhecimento religioso possa ser parte do processo comunicacional.

Referências

ANDERY, Maria Amália. et al. **Para Compreender a Ciência:** uma perspectiva histórica. 6. ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 1996.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix , 2012.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

GALLIANO, A. G. **O método científico:** teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1979.

GRESSLER, L. A. **Introdução à Pesquisa:** projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2003.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica:** teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco (1984). **A árvore do conhecimento - As bases biológicas do conhecimento humano**. Campinas: Ed. Psy, 1995.

MORIN, Edgar. **O Método 1 – A Natureza da Natureza**. 2. ed. Portugal: Publicações Europa América, 1977.

_____, Edgar. **O Método 4 – As idéias: seu habitat, sua vida, seus costumes, sua organização**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PASSOS, João Décio. **Como a religião se organiza: tipos e processos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

PEREIRA, M. F. *Ecossistemas Comunicacionais: uma proposta conceitual*. In: MALCHER, M. A.; SEIXAS, N. S. A.; LIMA, R. A.; AMARAL FILHO, O. **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

PEREIRA, M. F.; FREITAS, S. E. C. *Paradigmas científicos para o estudos dos Ecossistemas Comunicacionais*. In: SEIXAS, N. S. A.; COSTA, A. C.; COSTA, L. M. **Comunicação: visualidade e diversidades na Amazônia**. Belém: Fadesp, 2013.

SEIXAS, N. S. A.; LIMA, R. A.; AMARAL FILHO, O. **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Vini Rabassa. *As concepções de pesquisa do racionalismo ao caos: alguns momentos fundamentais*. In: Desaulniers, Julieta Beatriz Ramos (Org.). **Fenômeno: uma teia complexa de relações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.